

JOELMIR BETING

"A História é um cemitério de civilizações que sucumbiram por não terem sabido mudar em tempo."

Rubens Ricúpero, ministro da Fazenda

Com Brasil *A Hora é agora*

Meios financeiros europeus, segundo relata Reali Junior, não acreditam em reformas econômicas e muito menos em exercícios de austeridade orçamentária em ano de eleições gerais. Nem no Brasil nem na Suíça. Burocratas do FMI, em Washington, pensam a mesma coisa. E recomendam ao board a espera do ver para crer.

□□□ Cá por estas bandas, partidos, clubes e igrejas entoam a mesma marcha fúnebre: nada de revisão constitucional e nada de lançamento do real — que é tempo de intemperança eleitoral. O negócio é deixar a arrumação da pátria estremecida para o ano que vem, o próximo governo,

o Congresso vindouro.

□□□ Ou será que não? O ministro Rubens Ricúpero sustenta que dá para botar ordem na casa nestes próximos nove meses, os últimos do governo Itamar Franco. Mesmo com a seleção na Copa e com a eleição no tapa. O ministro vai mais longe: deve-se amarar o plano e realizar a revisão até por causa da eleição e não apesar dela. Sem a reviravolta na economia ensandecida, com inflação embicada para perto de 10.000% ao ano, das duas, uma: ou o povão desindexado explode antes de outubro ou o gover-



no eleito herderá um cadáver em janeiro: o setor público não mais administrável.

□□□ No discurso de posse, Rubens Ricúpero lembrou que a revisão é inadiável até mesmo para resgatar a harmonia entre os Três Poderes: "As soluções devem ser buscadas dentro do entendimento entre os Poderes. Conciliar e transigir é preciso. Porém, insistir na revisão, tanto mais, não permitindo que o sentimento de alívio temporário de medidas tóxicas nos faça esquecer que o problema de fundo permanece. Se o conflito de semanas

passadas tiver servido para despertar a consciência da urgência da revisão, ele não terá sido em vão".

□□□ No mais, basta de pretextos e de desculpas para a manifesta má vontade política diante de projetos de mudança. Só depois da eleição, só depois da seleção, só depois do carnaval, só depois disso ou daquilo... Ou como escreve Roberto Pompeu de Toledo na *Veja* de 9 de junho de 1993: "Jogam-se as coisas para a frente, na base do só quando ou do só depois, exatamente porque não se quer mudar coisa alguma. O Brasil especializou-se nas técnicas de empurrar os problemas com a barriga". Ou com a gorda pança de Sancho Pança, sem cavalo e sem lança.